

LITERATURA AFRICANA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS E INSTITUCIONAIS DA MODERNIDADE: OS JOVENS NOS ROMANCES DE LUIS ROMANO E PEPETELA

Eidson Miguel da Silva Marcos (Mestrando/UEPB/PPGLI)

Eidson_miguel@hotmail.com

Rosilda Alves Bezerra (Orientadora/UEPB/PPGLI)

rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Em 2003 foi promulgada a lei 10.639, posteriormente alterada pela 11.645/2008, que instituí a inclusão obrigatória de conteúdos voltados para aspectos da história, da(s) literaturas e cultura(s) africanas, que caracterizam a formação da população brasileira, bem como evidenciar/resgatar a contribuição do negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à trajetória histórica do Brasil. Parte considerável da contemporânea produção literária, em língua portuguesa, de alguns países africanos remete a aspectos do período colonial pelo qual passou a África, inclusive aos movimentos pró-autonomia empreendidos pelas nações, movimentos esses, que contaram com a participação de vários artistas e intelectuais.

Lançaremos-nos no presente trabalho a buscar leituras acerca da inserção/participação do jovem em uma sociedade em conflito, procurando relacionar tais leituras ao jovem inserido em nosso presente contexto, ou seja, o brasileiro. Para tanto elegemos como recorte literário e ponto de partida para nosso trabalho os romances *Famintos*, do escritor cabo-verdiano Luis Romano e *As Aventuras de Ngunga*, do angolano Pepetela, tratando mais especificamente das personagens Estudante e Ngunga.

Quando nos deparamos com as literaturas africanas em língua portuguesa emerge diante de nós, não só o fato de um passado colonial em comum, bem como a proximidade linguística, no tocante ao português, mas também a influência que autores brasileiros tiveram na conformação das literaturas desses países, a exemplo de Jorge Amado, Guimarães Rosa etc. sendo que “ao apropriar-se da literatura brasileira como patrimônio simbólico, o colonizado africano, nos espaços de língua portuguesa, abria caminho para o seu protagonismo no campo da literatura e da cultura” (GOMES, 2008, p. 114), isso pelo fato de “refletir-se em (e por meio

de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado” (GOMES, 2008, p. 112). Protagonismo fortemente abordado pelo viés literário em Angola e em Cabo Verde, que desemboca na atuação política dos indivíduos, no que tange a assunção de uma realidade e identidade nacionais, fato que terá crucial relevância para o processo independentista de ambas as colônias, considerando que:

não é possível lutar de facto pela independência de um povo, não é possível estabelecer de facto uma luta armada (...) sem conhecermos a sério a nossa realidade e sem partirmos a sério dessa realidade para fazer a luta (CABRAL, s/d, p. 21).

Esse protagonismo em *As Aventuras de Ngunga* e em *Famintos* recai sobre a figura do jovem, principalmente no tocante a sua atuação política frente a conflitos sociais. A partir da circularidade cultural entre Brasil e África podemos contemplar, hoje, os desdobramentos que a literatura produzida nos países africanos pode atingir no Brasil e que leituras podem suscitar. Vejamos o caso dos autores Pepetela e Luis Romano.

O escritor, poeta, antropólogo cultural, ensaísta e crítico de literatura Luis Romano de Madeira Melo nasceu em 1922 na ilha de Santo Antão, uma das dez que compõem o arquipélago africano de Cabo Verde. Engaja-se na luta pela independência de seu país e, perseguido, exila-se no Brasil a partir dos anos 60, mais precisamente em Natal, Estado do Rio Grande do Norte, vindo a falecer em janeiro de 2010, na mesma capital.

No romance *Famintos*, publicado em 1962, Luís Romano apresenta um panorama cruel da realidade da seca que martiriza os cabo-verdianos, arruinando os que sobrevivem da terra, também vitimados pela tirania do governo local. Romano realça em seu texto as mazelas provocadas pelo desequilíbrio das relações sociais, deixando visível aquela que parece ser uma de suas principais intenções enquanto escritor e cidadão: denunciar as estruturas de poder antidemocráticas e desumanas no Cabo Verde colonial.

O angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) nasceu em Benguela a 29 de outubro de 1941. Engajado no MPLA lutou pela libertação de Angola. O foco de sua obra recai na trajetória histórica angolana e nos problemas que a sociedade enfrenta. Em seu romance *As Aventuras de Ngunga* (1972) analisa, num tom épico e didático, o desenvolvimento do jovem guerrilheiro do MPLA Ngunga, apresentando aspectos da geografia e psicologia de Angola, pondo em confronto tradições locais e ideologia revolucionária.

Angola e Cabo Verde que, configurando o contexto de produção das obras em foco, passaram pela experiência colonial europeia – principalmente Cabo Verde, colônia portuguesa desde o século XV – que impingiu violentamente marcas na sociedade e na cultura (costumes, língua, religião etc.) esses países conseguiram suas respectivas autonomias nacionais, por meio da luta política e armada, na década de 70 do século XX. Militantes em partidos políticos, o PAIGC no caso de Romano e o MPLA no de Pepetela, que desempenharam papel decisivo na conquista das independências cabo-verdiana e angolana, os autores imprimiram as marcas de suas experiências nas páginas de seus romances.

Considerar os respectivos contextos de produção para que se possa compreender obras como as de Pepetela e as de Romano em suas amplitudes é fundamental para um exercício de interpretação, como o proposto aqui, ainda mais quando consideramos que “é impossível conceber a formação do que geralmente designamos de literatura africana (i. e., literatura africana em línguas europeias) desligadas do fenômeno do colonialismo” (VENÂNCIO, 1992: 6), ou seja, “torna-se importante atentar para o fato de que a apreciação crítica do texto literário africano não poderá realizar-se de modo mais efetivo se o dissociamos de seu respectivo contexto cultural e político”. (QUEIROZ, 2007:49-50).

Afirmações como as do sociólogo angolano José Carlos Venâncio e do Doutor em Teoria da Literatura brasileiro Amarino Oliveira de Queiroz nos mostram a pertinência que obras literárias, como as em foco, apresentam para um exercício de interpretação crítica de fatos sociais, fator importante para a natureza do trabalho que hora executamos.

Atuantes nos seus respectivos contextos sócio-políticos, Romano e Pepetela souberam representar o fato sócio-histórico através de seus recursos estéticos, já que “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (CANDIDO, 2008, p. 14), nos fornecendo dessa forma mais do que simples obras literárias. As *Aventuras de Ngunga* e *Famintos* constituem verdadeiros documentos sociológicos e antropológicos, além de captarem o fato histórico por meio de suas lentes literárias, Em *Famintos*, por exemplo, vemos uma marcada intenção *didática* de denúncia contundente, e até mesmo com certo exagero grotesco, das estruturas sociais desiguais “um documento sociológico, mais que a um romance propriamente falando” (CHALENDAR, 1983, p. 17), existentes em Cabo Verde, como é explicitado no poema/carta que abre o romance:

IRMÃO

Que as cenas que vais ler neste livro retenham sua sensibilidade, como tão profundamente se estamparam no meu íntimo.

Que nelas encontres o teu drama – o drama de nós todos – e, te confortes, porque UM – SONHO – ESPERANÇA – é o ideal de tantos outros que alimentamos.

Que nestas objectivas vejas “casos” que ficaram desfeitos pela mentira de uma verdade e compreendas o pranto deste Negro-de-Lábios-Grossos como hino de amizade.

... nascidos na humildade da sua espécie os Sem-Nome baquearam na treva horrível.

Ligados pela mesma desdita, seus nomes fundem-se no silêncio que ainda fala por eles.
(ROMANO, 1983, p. 41)

’As Aventuras de Ngunga emerge, em meio ao cenário angolano, um forte tom pedagógico no tocante à atuação do indivíduo no seio dos conflitos sociais, no choque entre os velhos costumes e as concepções revolucionárias embutidos no ambiente da guerra entre metrópole e colônia. Como podemos verificar no fragmento que segue, no qual Ngunga discute com o comandante guerrilheiro Mavinga a vontade/necessidade de se acabar com o costume de se vender mulheres para pretendentes a esposo, o “alambamento”:

– Hei-de lutar para acabar com a compra das mulheres – gritou Ngunga, raivoso. – Não são bois!

– Para isso precisas de estudar. Eu não sei sobre o alambamento. Sempre se fez, os meus avós ensinaram-me isso. Mas, se achas que está mal e que é preciso acabar com ele, então debes estudar. Como aceitarão o que dizes, se fores um ignorante como nós? (PEPETELA, 1980, p. 54).

As personagens Ngunga e Estudante configuram leituras críticas da inserção do jovem em sociedades em conflito, por intermédio de suas atuações exemplares nos seus respectivos ambientes. Primeiro, o exemplo de Estudante, através de sua fala com Campina, personagem que representa e apresenta a consciência social do trabalhador:

Campina bebeu uma rasada e sentou-se. Estudante sorriu: – você foi um herói, Campina! Mande os papéis à fava. Sua vida é que interessa e ela tem muito que contar. (...)

– Campina, eu gostaria de ser como você, ter uma história para contar também, – disse Estudante voltando-se para o espanhol.

– Que, não diga isso rapaz. Você tem pai que tem dinheiro como areia. Você é nosso amigo, é agora que ainda não é nada. Quando tirar sua carta de doutor, com óculos nos olhos, ganhando dinheiro num dia, que eu não ganho num ano, também vai esquecer de seus amigos pretos, de padecimento de pretalhada para mandar e desmandar, como poderoso daqui está fazendo todos os dias. Estudante, a vida é assim: hoje tudo é irmão, quando um não é mais do que o outro. Amanhã volta uma grande pessoa e vem mandar(...)

“– Campina, você está enganado. Gosto de estar convosco para me sentir mais terra-a-terra. Quando for alguém hei-de fazer algo para melhorar a existência dos necessitados.
– Que não diga uma coisa dessas, rapaz! Quem nunca sofreu, tem comida na hora, tem casa farta e tudo quanto, na largueza, não pode gostar de quem vive na falta e trabalhar do coração para aliviar gente-de-cor; é impossível!
– Mas, eu tenho consciência, Campina!” (ROMANO, 1983, p. 133 a 134)

Agora na fala simbólica do narrador de *As Aventuras de Ngunga*, quando se refere a “procura de Ngunga e onde ele pode ser achado”:

Camarada pioneiro:

Procurei em todas as escolas, a ver se encontrava o Ngunga. Mas foi em vão. Vi pioneiros que podiam ser ele, mas negavam sempre. (...)

Observa bem, portanto, o camarada que fica a teu lado na formatura. Sabes de onde veio? (...) É um pioneiro que fala pouco e trabalha muito? É um pioneiro que nunca se gaba do que já fez e esta sempre pronto a fazer mais? É um pioneiro que só quer aquilo que todos os outros têm? É um pioneiro que diz sempre a verdade, a frente de quem quer que seja?

Vê bem, camarada pioneiro. Talvez esse camarada que contigo estuda, contigo come, contigo brinca, seja o Ngunga.
Vê bem, camarada.

Não serás afinal tu? Não será numa parte desconhecida de ti próprio que se esconde modestamente o pequeno Ngunga? (PEPETELA, 1980, p. 57 – 59)

Os jovens representam aí a tomada de consciência diante das mazelas sociais, além de exemplificarem a atuação ‘ideal’ diante dos conflitos nos quais estão inseridos. A partir dessa leitura, e considerando a inserção legal de tais conteúdos no sistema educacional do Brasil, podemos vislumbrar que desdobramentos tais leituras suscitam no tocante ao contexto brasileiro.

Numa sociedade em conflito se faz premente uma tomada de posição por parte de seus atores. O jovem, representando o futuro, se vê em um período da vida no qual consolida a formação de seu caráter. No caso de países africanos que passaram pela experiência colonial percebe-se, em alguns deles, a existência de uma literatura na qual o papel do jovem, diante das questões sociais, é posto em evidência e no qual se destaca a importância dele se engajar na luta por liberdade/igualdade.

A leitura de tais textos apresenta uma pertinência no cenário brasileiro não só pela implantação de leis como a 10.639/2003 e 10.645/2008, mas, sobretudo pelas analogias à atuação e problemas do jovem brasileiro em seu contexto, pois, a despeito dos mitos da *democracia racial brasileira* e do *povo mais feliz do mundo* o jovem brasileiro enfrenta em seu cotidiano os duros desafios, inclusive o risco de morte, que o preconceito diante das

diferenças étnicas e sociais impõe aos cidadãos, desafios que são abordados também por romances como *As Aventuras de Ngunga* e *Famintos*. Desse modo, percebemos como tais romances acabam fornecendo subsídios para leituras de nossa própria realidade brasileira, que, se não estão em uma guerra armada oficial, apresenta conflitos sociais de várias ordens, que podem ser comparados, inclusive, aos enfrentados pelos jovens apresentados nos romances em foco e tão marcantemente retratados por autores como Luis Romano e Pepetela.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Amílcar. *Unidade e Luta*. Disponível em:
http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/livro_amilcar_cabral_unidade_e_luta.pdf

Acessado em 26 Abril 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CHALENDAR, Pierrette et Gérard Chalendar. *Estrutura tipológica e alcance político de Famintos de Luís Romano*. In__ ROMANO, Luis. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde e Brasil: um amor pleno e correspondido*. In__ *Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2008.

Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm

Lei Nº 11.645 de 10 de Março de 2008.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2008/11.645.htm

PESTANA, Artur. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1980.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Recife: UFPE, PGLetras, 2007.

ROMANO, Luis. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e Poder na África Lusófona*. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.